

# Onde se guardam os dormentes?

Relatos de uma deriva pelos arredores da Estação Ferroviária de São Carlos

Carlos R. Monteiro de Andrade,  
Luciano Bernardino da Costa,  
Rodrigo Nogueira de Lima



**Figura da página anterior:**

Sem título. Fonte: Autoria de Carlos R. Monteiro de Andrade.

**A** cidade se assenta sob frações de tempos e espaços nunca contínuos. Os processos que elas abrigam anunciam tanto o sempre novo, como aqueles que se perpetuam no esquecimento. No passo daquele que se debruça sobre a cidade, no entanto, abre-se o olhar desavisado, o corpo sensível às atrações latentes que fazem das zonas de tráfego, de morada e de passagem, um tempo presente a ser constantemente explorado. Na forma de arte, de ciência, de estado de espírito ou modo de vida, o caminhar toma diferentes acepções e ressignificações que ultrapassam os atos objetivos de percorrer, de partir e de chegar.

Verbos que imprimem um movimento contínuo de constante apagamento da matéria envoltória que são as cidades. Em seu oposto tem o caminhar das deambulações surrealistas, das derivas situacionistas, do andar como prática artística contemporânea, uma ação feita de persistências e efemeridades encontradas no território. Os traçados, as vias, os lugares e seus personagens são trama e urdidura que possibilitam a experiência do encontro e do acaso, para os surrealistas “mágica”, para os situacionistas “lúdico-construtiva”.

A cidade conhecida, objetiva, enjaulada pelas barras de aço do cotidiano, lugar de acontecimentos previsíveis e programados deve ser tensionada, nela inscrevendo fissuras que permitam àquele que caminha estranhá-la, reencantá-la, ressignificá-la, apropriá-la.

Uma pergunta, uma palavra, um disparador de deslocamento pode ser o mote para o encontro dessa experiência imprevista, como, por exemplo, essa que agora convidamos os leitores a percorrer: “onde se guardam os dormentes?”.

Marcamos para a tarde da sexta-feira treze de dezembro de 2019 a realização de nossas derivas pelos arredores da estação ferroviária de São Carlos e proximidades da linha férrea. A data escolhida, carregada de superstições como sabemos, foi quase por acaso, ou seja, não a forçamos, mas tampouco a evitamos. Adotamos o seguinte disparador para darmos início às nossas derivas: partindo de pontos diferentes da área delimitada de modo impreciso, mas que tinham na ferrovia e no conjunto de seus elementos visuais, plásticos, urbanísticos e arquitetônicos, as referências determinantes. Indagamos pessoas aleatórias com as quais cruzamos – “onde se guardam os dormentes?”.

A pergunta aberta possibilita a construção coletiva do seu significado e a realização concreta do imaginário da cidade a partir dos seus habitantes, o qual os derivantes buscam encontrar. As respostas subjetivas realizam o imaginário coletivo e favorecem a desorientação do percurso, relação dialética entre o imaginário coletivo e a aventura individual de cada derivante. Os princípios de jogo, de fragmentação, de criação coletiva, da surpresa, do inesperado, do acaso, constituem a experiência que escapa ao sentido de controle, de previsão e de unidade. Os relatos dessa experiência assumem a linguagem de produção de colagens as quais são animadas pelos mesmos princípios, acrescentados os de justaposição e sobreposição. Afinidades eletivas que atravessam dadaístas, surrealistas, letristas e situacionistas.

As ferrovias no Brasil se deslocaram de um meio de transporte de passageiros e de cargas, para habitar o nosso imaginário detendo um sentido poético, onírico, nostálgico. Falar de dormentes que memórias nos evocam? Quais sonhos produzem os dormentes? Que áreas da cidade permanecem adormecidas? Formular tal pergunta aos transeuntes urbanos, a que lugares nos leva? O absurdo inocente da questão ecoa como desconhecimento, suposições ou propósitos dos mais variados. Lança-nos a extensão da malha ferroviária, mas também a um ponto onde talvez se realizam. (espacialidade mutante) (reformular).

Caminhamos sem rumo, a ferrovia demarcando nossa deriva, com seus signos próprios, seus edifícios, vagões abandonados, mas também uma paisagem urbana particular, de velhas casas, ruínas fabris, grafitis marcantes, sapatos perdidos de passos tropicados. Nesse momento somos nômades, sem estradas nem carroças, amando ciganas e beltranas. Tomados pelo espírito errante os nossos olhos são os nossos pés, guiados por trajetos nos quais ladram cães adormecidos.

**Figura:** Mapa da deriva pelos arredores da estação ferroviária de São Carlos. Fonte: Google Maps, concepção Luciano Bernardino da Costa.

- Percurso: Luciano B. Costa
- Percurso: Rodrigo Lima
- Percurso: Carlos R. M. Andrade



onde se  
guardam  
os  
dormentes?



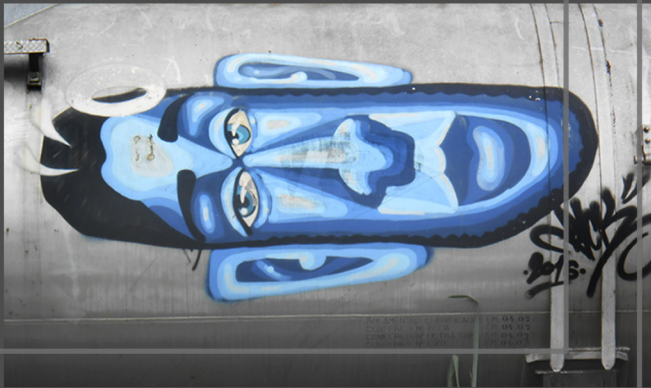
... nossos  
passos  
perdidos  
em uma  
deriva  
ferroviária



... lugares de pouso, ruínas fabris  
claudicando por trilhos  
anunciando dias febris.  
labirintos de uma cidade  
cortada socialmente



Vila Prado... do outro lado da linha  
[atravessada por] corrida de ferros  
cruzada por almas errantes  
sem ponto de fuga  
... nem de partida



... Às seis horas,  
Louis Aragon e  
André Breton não  
podendo renunciar  
a conhecer  
a palavra-chave  
do enigma,  
exploraram  
uma parte do  
VI Distrito:  
mas em vão.



... Às seis horas,  
“O Espírito Novo”, 1924.







OS MEUS  
OLHOS  
SÃO OS  
MEUS PÉS







**rasgo ou costura do urbano?**

**de costas para a linha a cidade acontece  
ritmo espaçado, vazio descontínuo.  
de longe nada vejo, só o infinito da rua.**

**Passo,  
entre os entres o olhar se interrompe  
transversalmente.**

**Ruas. Cortes provisórios,  
fraturas perpétuas.**



nômades  
imigrantes  
trapeiros  
ciganos  
vagabundos  
circenses  
deambulantes  
flaneurs  
nhambiquaras  
estrangeiros  
dadaistas  
stalkers  
exilados  
retirantes  
desligados  
saltimbancos  
errantes  
andarilhos  
beduínos  
situacionistas  
hippies

nos  
encontramos  
nas  
fronteiras  
do mundo  
ou embaixo  
desta árvore.



### **Colagens dos percursos**

Colagens 1 e 4 (página 290 e 293 ) - Carlos R. Monteiro de Andrade

Colagens 2 e 3 (página 291 e 292 ) - Rodrigo Nogueira de Lima

Colagens 5 e 6 (página 294 e 295 ) - Luciano Bernardino da Costa